Revisão Geral

1. Algumas tendências literárias da segunda metade do século XIX mostravam, entre outras coisas:

- narrativas que 'apagavam' o narrador atrás de uma objetividade;

- narrativas que abordavam os fatos sociais reduzindo-os a fatores biológicos, tomando como modelo os padrões definidos pelas ciências naturais.

Como os romances e contos de Machado de Assis se apresentam em relação a esses dois aspectos?

2. O Padeiro (fragmento)

Rubem Braga

Tomo meu café com pão dormido, que não é tão ruim assim. E enquanto tomo café vou me lembrando de um homem modesto que conheci antigamente. Quando vinha deixar o pão à porta do apartamento ele apertava a campainha, mas, para não incomodar os moradores, avisava gritando:

- Não é ninguém, é o padeiro!

Interroguei-o uma vez: como tivera a ideia de gritar aquilo?

"Então você não é ninguém? ".

Ele abriu um sorriso largo. Explicou que aprendera aquilo de ouvido. Muitas vezes lhe acontecera bater a campainha de uma casa e ser atendido por uma empregada ou outra pessoa qualquer, e ouvir uma voz que vinha lá de dentro perguntando quem era: e ouvir a pessoa que o atendera dizer para dentro: "Não é ninguém, não senhora, é o padeiro". Assim ficara sabendo que não era ninguém...

Ele me contou isso sem mágoa nenhuma, e se despediu ainda sorrindo.

(In: "Ai de ti, Copacabana." 4a ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964, pp. 44,45)

a) Que sentido assume o pronome indefinido NINGUÉM no texto acima?

b) Quando esse pronome indefinido é usado na função sintática de sujeito, a dupla negação pode ou não ocorrer. Justifique essa afirmativa, exemplificando-a.

3. O Padeiro (fragmento)

Rubem Braga

Tomo meu café com pão dormido, que não é tão ruim assim. E enquanto tomo café vou me lembrando de um homem modesto que conheci antigamente. Quando vinha deixar o pão à porta do apartamento ele apertava a campainha, mas, para não incomodar os moradores, avisava gritando:

- Não é ninguém, é o padeiro!

Interroguei-o uma vez: como tivera a ideia de gritar aquilo?

"Então você não é ninguém? ".

Ele abriu um sorriso largo. Explicou que aprendera aquilo de ouvido. Muitas vezes lhe acontecera bater a campainha de uma casa e ser atendido por uma empregada ou outra pessoa qualquer, e ouvir uma voz que vinha lá de dentro perguntando quem era: e ouvir a pessoa que o atendera dizer para dentro: "Não é ninguém, não senhora, é o padeiro". Assim ficara sabendo que não era ninguém...

Ele me contou isso sem mágoa nenhuma, e se despediu ainda sorrindo.

(In: "Ai de ti, Copacabana." 4a ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964, pp. 44,45)

Esaú e Jacó (fragmento)

Machado de Assis

- Que estranhos? Não vou viver com ninguém. Viverei com o Catete, o Largo do Machado, a Praia de Botafogo e a do Flamengo, não falo das pessoas que lá moram, mas das ruas, das casas, dos chafarizes e das lojas.

(In: "Obra Completa." vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985, p. 987)

Vimos que, Rubem Braga faz uso expressivo do indefinido NINGUÉM. Diga com que sentido o mesmo termo é usado por Machado de Assis no texto acima, relacionando tal significado com um posicionamento marcante na obra do autor.

4. escapulário

Oswald de Andrade

No Pão de Açúcar
De Cada Dia
Dai-nos Senhor
A Poesia
De Cada Dia

(in: "Poesias reunidas". 5a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 75)

Nota: ESCAPULÁRIO: objeto de devoção formado por dois quadrados de pano bento, com orações ou uma relíquia, que os devotos trazem ao pescoço.

A crítica literária considera que a poesia de Oswald de Andrade apresenta duas vertentes: uma 'destrutiva' e uma 'construtiva'. Explique de que modo esses dois traços aparecem na intertextualidade realizada por Oswald no poema.

5. A favela que eu vi (fragmento)

Benjamim Costallat

O maior perigo que eu encontrei na Favela foi o risco, a cada passo, de despencar-me de lá de cima pela pedreira ou pelo morro abaixo.

E dizer que há uma população inteira que todos os dias desce e sobe a Favela, mulheres que fazem o terrível trajeto com latas cheias de água na cabeça, e bêbedos, alegres de cachaça, as pernas bambas, zigue-zagueando, por cima dos precipícios, sem sofrer um

arranhão!...

Os pequeninos casebres feitos de latas de querosene também suspendem-se no ar por cima de verdadeiros abismos, num milagre de equilíbrio, mas também não caem.

Deus protege a Favela!...

E a Favela merece a proteção divina porque ela é alegre na sua miséria.

Aquela gente, que não tem nada, dá uma profunda lição de alegria àqueles que têm tudo.

(In: "Mistérios do Rio". Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, DGDIC, 1990, p. 34)

Cidade de Deus (fragmento)

Rubem Fonseca

O nome dele João Romeiro, mas é conhecido como Zinho na Cidade de Deus, uma favela em Jacarepaguá, onde comanda o tráfico de drogas. Ela é Soraia Gonçalves, uma mulher dócil e calada. Soraia soube que Zinho era traficante dois meses depois de estarem morando juntos num condomínio de classe média alta na Barra da Tijuca. Você se importa?, Zinho perguntou, e ela respondeu que havia tido na vida dela um homem metido a direito que não passava de um canalha. No condomínio Zinho é conhecido como vendedor de uma firma de importação. Quando chega uma partida grande de droga na favela, Zinho some durante alguns dias. Para justificar sua ausência Soraia diz, para as vizinhas que encontra no playground ou na piscina, que o marido está viajando pela firma. A polícia anda atrás dele, mas sabe apenas o seu apelido, e que ele é branco. Zinho nunca foi preso.

(In: HISTÓRIAS DE AMOR. São Pauto: Companhia das Letras, 1997, p.11)

De que modo o ponto de vista do narrador influencia o modo de ver os personagens e os espaços nos textos de Benjamin Costallat e de Rubem Fonseca?

Camelôs

Manuel Bandeira

Abençoado seja o camelô dos brinquedos de tostão:
O que vende balõezinhos de cor
O macaquinho que trepa no coqueiro
O cachorrinho que bate com o rabo
Os homenzinhos que jogam boxe
A perereca verde que de repente dá um pulo que engraçado
E as canetinhas-tinteiro que jamais escreverão coisa [alguma]
Alegria das calçadas.

Uns falam pelos cotovelos:
- "O cavalheiro chega em casa e diz: 'Meu filho, vai buscar [um pedaço de banana para eu acender o charuto.' Naturalmente o menino pensará: 'Papai está malu...']
Outros, coitados, têm a língua atada.

Todos, porém, sabem mexer nos cordéis com o tino [ingênuo de demiurgos de inutilidades.]
E ensinam no tumulto das ruas os mitos heroicos da meninice...
E dão aos homens que passam preocupados ou tristes uma lição de infância.

(*In: Libertinagem.* Seleta em prosa e verso. (Org. Emanuel de Momes), Rio de Janeiro: José Olympio, 1971, p.131).

6. Identifique dois recursos predominantes na caracterização dos núcleos do complemento do verbo VENDER, que se encontra no segundo verso do poema de Bandeira: um de natureza morfológica e um de natureza sintática. Diga quais são esses recursos.

7. Como esses elementos identificados no item anterior se convertem em recursos expressivos?

8. No poema de Manuel Bandeira, aparecem traços característicos de sua poética. Desenvolva essa afirmativa, explicitando esses traços, nos níveis da forma e do conteúdo.

Desabrigo (fragmento)

Antônio Fraga

Foi aí que um camelô aproveitando o ajuntamento começou a dizer

- Os senhores vendo eu aqui me exibir pensarão que sou um mágico arruinado que não podendo trabalhar no palco vem aqui fazer uns truques pra depois correr o chapéu pedindo uns níqueis Mas não sou nada disso Sou um representante da afamada fábrica de perfumes mercúrio que não manda distribuir prospectos não bota anúncio no rádio nem nos jornais nem mesmo anúncios luminosos Esta casa meus senhores prefere contratar técnico propagandista que saia por aí distribuindo gratuitamente os seus produtos. Entre os maravilhosos preparados da fábrica de perfumes mercúrio encontra-se esta loção - a afamada loção mercúrio que elimina a caspa e a calvície mas não dá cabo da cabeça do freguês. Se os senhores fossem adquirir este produto nas farmácias ou drogarias lhes cobrariam dez ou quinze mil réis Eu estou autorizado a distribuí-lo gratuitamente às pessoas que adquirirem o reputado sabonete minerva pelo qual cobro apenas dois mil réis para cobrir as despesas da publicidade...

Um aqui para o cavalheiro... outro para a senhorita...

(*Desabrigo*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes - DGDIC, 1990, pp. 28-29)

9. No texto de Antônio Fraga, há um desvio de sintaxe em relação à norma culta escrita, referente à regência verbal.

a) Transcreva o trecho que exibe o desvio.

b) Reescreva-o de modo a ajustá-lo à norma culta escrita.

10. a) No texto de Antônio Fraga, o camelô afirma que a loção mercúrio é gratuita. Comente essa afirmação.

b) Além de se apresentar como "um representante da afamada fábrica de perfumes mercúrio", como o camelô, indiretamente, se autodenomina?

Gabarito:

Resposta da questão 1:
a) Ocorre um caso de homônimo perfeito com palavras de classes gramaticais diferentes: pinto, ora como substantivo, ora como verbo.

O autor fez uso de polissemia.

b) A palavra "limpo" possui dois sentidos neste contexto, o conotativo, representando honestidade; e o denotativo, asseio.

c) Ocorre um caso de homônimo perfeito com palavras de classes gramaticais diferentes:curta, ora como adjetivo, ora como verbo.
O autor fez uso de polissemia.

d) Repetição.

Resposta da questão 2:
Tenta explicar o ato de contar, ou seja, usa a língua para explicar algo relacionado a ela.

Resposta da questão 3:
1°. Ao contrário das tendência literárias da segunda metade do século XIX, o narrador machadiano é bastante 'visível': interfere na narrativa e provoca explicitamente o leitor.

2°. A narrativa machadiana não se enquadra no modelo naturalista, uma vez que há sempre uma tensão entre a psicologia do indivíduo e sua realidade social.

Resposta da questão 4:
a) O pronome "ninguém" significa "pessoa sem importância".

b) Se o pronome (sujeito) é anteposto ao verbo, não ocorre a dupla negação: "Ninguém veio". Se, porém, ele é posposto ao verbo, a dupla negação ocorre: "Não veio ninguém".

Resposta da questão 5:
No texto de Machado, o pronome é usado com o sentido de 'pessoa alguma' / 'pessoa nenhuma'. Ao preferir a paisagem física da cidade aos seus semelhantes, o autor revela seu ceticismo em relação ao ser humano, um traço marcante na sua obra.

Resposta da questão 6:
Os dois traços aparecem na paródia do discurso religioso. A vertente 'destrutiva' pode ser observada na desconstrução do "Pai Nosso"; a 'construtiva' fica evidente na reconstrução poética dessa prece, acrescentando-lhe novos elementos, que garantem a dimensão estética do poema.

Resposta da questão 7:
No texto de Benjamim Costallat, o narrador em primeira pessoa participa da cena e nela se envolve, revelando uma carga de afetividade por meio da criação de imagens idealizadas da favela, do uso de intensa adjetivação e de pontuação expressiva.
No texto de Rubem Fonseca, o ponto de vista do narrador em terceira pessoa cria um distanciamento a partir do qual se escamoteia sua subjetividade. Esse posicionamento mais objetivo é expresso pela descrição meticulosa e desmitificadora de personagens e ambientes.

Resposta da questão 8:
a) "Os senhores vendo eu aqui me exibir".

b) Os senhores vendo-me aqui me exibir/ Os senhores me vendo aqui me exibir.

Resposta da questão 9:
a) Na verdade, trata-se de uma estratégia de venda. A loção não é gratuita, uma vez que para levá-la, o cliente deve pagar pelo "reputado sabonete Minerva".

b) O camelô se autodenomina "técnico propagandista".

Resposta da questão 10:
O recurso de natureza morfológica consiste no uso do sufixo indicador de diminutivo. O de natureza sintática, refere-se ao uso de orações adjetivas para modificar os núcleos do complemento (objeto direto).

Resposta da questão 11:
O uso do sufixo remete ao universo singelo da infância, que se encontra manifesto nos "brinquedos de tostão" vendidos pelo camelô. Já o uso reiterado das orações adjetivas contribui para a caracterização do movimento dos brinquedos, o qual atrai a atenção dos passantes.

Resposta da questão 12:
Quanto à forma, Bandeira utilizou-se do verso livre, do vocabulário simples e da intertextualidade com a fala coloquial, popular. Quanto ao conteúdo, o poema trata de um universo cotidiano, no qual a vida humilde e prosaica - aqui retratada através da realidade de tipos urbanos, como os camelôs - é em si mesma poética e remete ao universo mágico da infância.